



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE LETRAS

**“FAZ UM PIX”: UM ESTUDO SOBRE A DURAÇÃO DA VOGAL ÁTONA PARA
DESFAZER SEQUÊNCIAS FONOTÁTICAS POUCO FREQUENTES NO PB**

DANIEL TEIXEIRA PESSANHA

RIO DE JANEIRO

2024

DANIEL TEIXEIRA PESSANHA

“FAZ UM PIX”: UM ESTUDO SOBRE A DURAÇÃO DA VOGAL ÁTONA PARA
DESFAZER SEQUÊNCIAS FONOTÁTICAS POUCO FREQUENTES NO PB

Monografia submetida à Faculdade de Letras
da Universidade Federal do Rio de Janeiro,
como requisito parcial para obtenção do título
de Licenciado em Letras na habilitação
Português-Literaturas.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Alexandre Silva Lopes de Melo

RIO DE JANEIRO

2024

CIP - Catalogação na Publicação

T184" Teixeira Pessanha, Daniel
 "Faz um pix": um estudo sobre a duração da vogal
 átona para desfazer sequências fonotáticas pouco
 frequentes no PB / Daniel Teixeira Pessanha. -- Rio
 de Janeiro, 2024.
 44 f.

 Orientador: Marcelo Alexandre Silva Lopes de
 Melo.
 Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
 Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade
 de Letras, Licenciado em Letras: Português -
 Literaturas, 2024.

 1. Vogal epentética. 2. Sociolinguística. 3.
 Modelos Baseados no Uso. 4. Experimento de Produção.
 I. Silva Lopes de Melo, Marcelo Alexandre , orient.
 II. Título.

FOLHA DE AVALIAÇÃO

Daniel Teixeira Pessanha

“FAZ UM PIX”: UM ESTUDO SOBRE A DURAÇÃO DA VOGAL ÁTONA PARA
DESFAZER SEQUÊNCIAS FONOTÁTICAS POUCO FREQUENTES NO PB

Monografia submetida à Faculdade de Letras
da Universidade Federal do Rio de Janeiro,
como requisito parcial para obtenção do título
de Licenciado em Letras na habilitação
Português-Literaturas.

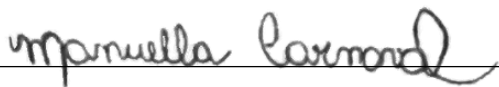
Data da avaliação: 02/01/2025

Banca examinadora:



Prof. Dr. Marcelo Alexandre Silva Lopes de Melo (Orientador)
Universidade Federal do Rio de Janeiro

NOTA: 10,0



Prof. Dra. Manuella Carnaval
Universidade Federal do Rio de Janeiro

NOTA: 10,0

À minha mãe, minha maior inspiração, quem sempre esteve ao meu lado, me incentivou e fez de tudo para que eu alcançasse meus sonhos e objetivos.

À minha avó, que muito lutou ao longo de sua vida para, enfim, ter o privilégio de presenciar todos seus filhos e netos formados.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que fazem parte da minha vida e, direta ou indiretamente, contribuíram para a concretização desse trabalho:

Aos meus pais, Viviane e Emy, por serem minha base, me acolherem e me incentivarem. Obrigado por sempre me guiarem em direção ao caminho da dedicação, do reconhecimento, da alegria, da gratidão e, acima de tudo, da humildade.

À minha avó, Ignez, por toda sua força e pela presença fundamental na minha vida com seus conselhos, sabedorias e afeto.

À Angélica, que acompanhou todos os meus passos ao longo desses 22 anos até aqui. Minha eterna gratidão por tudo que sempre fez por mim.

Aos meus padrinhos, Elisa e Marco, pela presença na minha vida e por serem fonte de inspiração.

Aos meus primos, Letícia, Andressa, Alexandra, Raquel, Lara e Bruno, por proporcionarem o sentimento de irmandade na minha vida, tornando-a mais acolhedora.

À minha bisavó, Maria, e às minhas tias, Ledy e Leny, em memória, pelo imenso carinho que sempre tiveram comigo. Carrego vocês com orgulho de quem foram e do legado deixado em mim.

Às minhas amigas Ana Beatriz e Vivian, meu trio da Letras, por compartilharem tantos momentos especiais dentro e fora da faculdade, por cada apoio e cada risada. Quem diria que aquele trote em 2020, na nossa primeira semana de curso, proporcionaria uma amizade tão genuína. Obrigado por estarem ao meu lado em tudo. Eu fui imensamente feliz nesses quatro anos. Sem vocês, a graduação não teria sido a mesma. Carrego vocês para a vida.

Ao meu amigo Daniel, pela amizade desenvolvida dentro e fora da faculdade. Mesmo nos conhecendo em momentos distintos da nossa jornada acadêmica, agradeço por ter tido aquela disciplina de Didática que proporcionou essa amizade tão especial e importante para mim. Obrigado por dividir as melhores (e mais apocalípticas) memórias das festas no Fundão, pelos almoços no bandeirão e por todas as nossas vivências além da faculdade. Sou grato por estar encerrando esse ciclo ao seu lado.

À minha amiga Bruna, por sempre estar ao meu lado compartilhando tantas emoções e momentos únicos, além de ser minha parceira de profissão.

Aos que um dia andaram ao meu lado, mas quis o destino que seguissem outros caminhos, obrigado por terem sido essenciais na minha vida, me apoiado em diferentes fases da graduação e contribuído para o meu amadurecimento.

Ao Ladquim, por ter me proporcionado viver a extensão universitária e desenvolver projetos importantes para a minha formação acadêmica.

Aos alunos da Faculdade de Letras que participaram do experimento linguístico, por terem disposto seu tempo e interesse em contribuir com o desenvolvimento do presente trabalho.

Ao meu orientador, Marcelo, por ter me acolhido em seu grupo de pesquisa e me introduzido aos estudos sociolinguísticos, resultando neste trabalho, o qual tenho imenso orgulho de ter desenvolvido. Obrigado por todo apoio e por ser essa pessoa tão humana, tornando esse momento o mais tranquilo possível. Você é uma grande inspiração.

Ao Caio Castro e aos alunos do CEFET-RJ, por terem feito do estágio obrigatório uma das experiências mais ricas e gratificantes ao longo da graduação. Graças a vocês, tive o privilégio de vivenciar o primeiro contato com a sala de aula em um ambiente acolhedor e de tantos ensinamentos, os quais foram essenciais para minha construção como professor.

A todos os meus professores do Colégio Bahiense, em especial os de português, que sempre acreditaram em mim e são fonte de inspiração.

A todos os professores e funcionários da Faculdade de Letras, por contribuírem significativamente com a minha formação e por terem feito deste espaço o mais acolhedor.

A UFRJ, por ter me proporcionado viver e construir tantas histórias, aprendizados e relações de forma única. Encerro esse ciclo com a certeza de que o Daniel de 17 anos, do início da graduação, está extremamente orgulhoso do Daniel de 22 anos, com a certeza de seu compromisso com a educação e sempre em busca da evolução por meio de novas visões de mundo.

“A vida é amiga da arte
É a parte que o sol me ensinou”

Caetano Veloso, 1978; Gal Costa, intérprete

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Diagrama de vizinho, carinho e diminutivos.....	16
Figura 2. Espectrogramas da palavra ficção - ocorrência 01	24
Figura 3. Espectrogramas da palavra ficção - ocorrência 02	24
Figura 4. Quatro tarefas do experimento de produção: níveis de monitoramento	26
Figura 5. Falante F043: espectrogramas das 4 ocorrências da palavra ficção.	33

LISTA DE QUADRO

Quadro 1. Distribuição das sentenças utilizadas no Experimento de Produção 2023	30
---	----

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Distribuição da duração da vogal pré-tônica [i] em milissegundos (ms).....	27
Tabela 2. Distribuição da duração da vogal átona em milissegundos (ms).....	27
Tabela 3. Distribuição da duração da vogal átona em <i>ficção</i> em milissegundos (ms).....	32
Tabela 4. Distribuição da duração da vogal átona em <i>pix</i> em milissegundos (ms)	32

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	11
1.1 Sociolinguística Variacionista	11
1.2 Modelos Baseados no Uso	15
2. ESTUDOS SOBRE A VARIÁVEL	19
2.1 Estudos sobre o PB.....	19
2.2 Um estudo piloto sobre a variedade carioca	23
3. METODOLOGIA	26
3.1 Experimento de Produção 2023	27
3.1.1 Grupos de fatores utilizados	28
3.1.2 Distribuição da variável	30
3.1.3 Organização do experimento	30
4. ANÁLISES E RESULTADOS	32
4.1 Distribuição dos resultados	32
4.2 Atuação dos condicionamentos	34
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
REFERÊNCIAS	40

INTRODUÇÃO

O presente estudo analisa a variação na duração da vogal átona para desfazer sequências fonotáticas pouco frequentes no português brasileiro (doravante PB) – comumente chamada de vogal epentética – como em *pix* ['pikisi] e *ficção* [fiki'sãʊ]. Essa variável já foi objeto de análise de estudos sobre o PB sob diferentes aportes teóricos, os quais apontam para o processo de modificação de estruturas de sílabas fechadas a partir da inserção da vogal átona que tipicamente apresenta menor duração que as vogais plenas (Collischonn, 2004; Cristófaró Silva e Almeida, 2008; Silveira e Seara, 2009 e Souza, Barra e Barboza, 2020).

Nesta pesquisa, pretende-se contribuir para o debate acerca da variável a partir de um referencial teórico diferente dos estudos anteriores e de novas ferramentas metodológicas, tendo como base os pressupostos teóricos da Sociolinguística Variacionista e dos Modelos Baseados no Uso. No que tange à Sociolinguística Variacionista, leva-se em consideração o conceito de heterogeneidade ordenada, o qual explicita a variação em seu caráter inerente ao sistema linguístico e condicionada por fatores linguísticos, sociais e cognitivos, sendo, nesse sentido, sistematizada (Weinreich, Labov e Herzog, 2006 [1968]). Quanto aos Modelos Baseados no Uso, debruça-se sobre a ideia de que a variação possui status representacional, enfatizando a relação entre o uso da língua e a representação mental da variação. Assim, as representações abstratas abarcam as possibilidades de realização dos itens lexicais e as informações relativas a características sociais dos falantes (Cristófaró-Silva e Gomes, 2020).

A metodologia da pesquisa partiu de análises anteriormente feitas por Lacerda (2023) debruçadas na amostra EJLA, a qual é composta por entrevistas sociolinguísticas realizadas por Melo (2012) com indivíduos menores infratores que cumpriam medidas socioeducativas de internação na Escola João Luiz Alves (EJLA), unidade do Departamento Geral de Ações Socioeducativas (DEGASE), situada na Ilha do Governador, no Rio de Janeiro. As análises de Lacerda (2023) constataram maior duração da vogal átona envolvendo a sequência fonotática [ks]. A partir disso, a presente pesquisa destinou-se à realização de um experimento linguístico realizado com falantes universitários, os quais reproduziram, ao longo de quatro contextos de monitoramento, itens monossilábicos e dissilábicos, contendo a mesma sequência [ks], distribuídos ao longo de sentenças, com o intuito de entender se o comportamento da vogal em um grupo social distinto do analisado na Amostra EJLA formularia novas hipóteses acerca deste fenômeno, sofrendo alguma influência de

condicionamentos sociais, assim, podendo a duração desta vogal indexar diferentes significados sociais.

Os resultados preliminares apontaram para uma variabilidade da realização da vogal epentética nos itens em análise – *ficção* e *pix* – quanto aos falantes inicialmente analisado. Percebeu-se que, em *ficção*, houve maior regularidade entre os diferentes contextos, enquanto, em *pix*, são registrados menores valores de duração da vogal epentética, além de maior variabilidade entre cada contexto. Portanto, pretende-se entender de que forma a variável em análise se desenvolve à luz dos pressupostos debruçados, de modo a possibilitar a expansão da comunidade de fala em estudos futuros e trazer reflexões sobre o conhecimento linguístico dos falantes, bem como sobre a relação entre estrutura linguística e social.

Este estudo se encontra organizado em capítulos divididos da seguinte forma: no primeiro capítulo, estão dispostos os pressupostos teóricos que embasam a pesquisa; no segundo capítulo, são destacados estudos anteriores relacionados à variável linguística em análise; no terceiro capítulo, é discutida a metodologia utilizada para coleta de dados; no quarto capítulo, há análise dos dados e apresentação dos resultados obtidos e, por fim, no quinto capítulo, são revisitados os passos traçados ao longo desta pesquisa, indicando encaminhamentos futuros.

1. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Neste capítulo, objetiva-se fazer um aparato acerca das teorias que embasam a presente pesquisa, apresentando os pressupostos teóricos da Sociolinguística Variacionista, segundo os quais a variação é inerente ao sistema linguístico e é condicionada por fatores linguísticos, sociais e cognitivos, bem como dos Modelos Baseados no Uso, os quais concebem status representacional à variação no sistema linguístico.

1.1 Sociolinguística Variacionista

No início do século XX, Ferdinand Saussure atribuiu à linguística um caráter autônomo, ao conceber a língua como um sistema homogêneo, em que o signo linguístico é tido como objeto de estudo. Saussure enfatizava “a ideia de que a língua é um sistema, ou seja, um conjunto de unidades que obedecem a certos princípios de funcionamento, construindo um todo coerente” (Costa, 2010, p. 144). A teoria saussureana parte de uma lógica baseada em dicotomias, sendo a mais conhecida *langue* e *parole*. Ainda de acordo com Saussure, somente a *langue* (língua), em razão de seu caráter supraindividual, homogêneo e sistemático, deveria constituir o objeto de estudo da linguística. Desse modo, a linguística estrutural preocupava-se apenas com o estudo interno da língua, desconsiderando as relações existentes entre língua e sociedade. Consequentemente, a manifestação individual do uso da língua (fala) é tida como objeto secundário.

Na década de 1950, Noam Chomsky, com o intuito de se contrapor à hipótese do behaviorismo para aquisição de linguagem, consolida uma nova teoria linguística - o Gerativismo - baseada na ideia de que a linguagem se configura como uma capacidade inata do ser humano em adquirir uma língua, estando, portanto, o conhecimento linguístico armazenado na mente do falante. Dessa forma, em que pesem as diferenças entre a concepção de sistema linguístico para Saussure e Chomsky, o Gerativismo dá continuidade à tradição de se considerar o sistema linguístico apenas a partir de seus mecanismos internos, não levando em conta os aspectos sociais da língua.

Diante desse contexto, na década de 1960, nos Estados Unidos, William Labov encabeça novos estudos que visavam à análise do sistema linguístico a partir da discussão em torno da variação linguística, dentre os quais se destacam o estudo sobre a centralização de ditongos na ilha de Martha's Vineyard e sobre a realização do (r) em Nova York.

Desconsiderado pelas correntes anteriores, o uso da língua dentro de uma comunidade de fala passa a ser objeto de estudo de Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]), os quais lançam os pressupostos empíricos para a Teoria da Variação e Mudança ou Sociolinguística Variacionista. Nesse sentido, postulam-se diversos mecanismos que permitem atribuir ao estudo linguístico a união entre aspectos cognitivos e inatos da língua e aspectos extralinguísticos, isto é, históricos e sociais.

O primeiro princípio recai sobre a importância de delimitar a estruturação do sistema linguístico a partir dessa ideia defendida, indo contra as concepções anteriores que consideravam a variação como um fenômeno desordenado e aleatório. Por isso, como um dos pilares da Sociolinguística Variacionista, o conceito de heterogeneidade ordenada debruça-se no fato de que a variação é inerente ao sistema linguístico e que essa variabilidade não é caótica, mas sim sistematizada. Além disso, o sistema linguístico não é autônomo, visto que há relação entre as condições de produção e as características sociais dos falantes. Por esses motivos, é possível estudar a variação de forma plena, entendendo que a variabilidade do uso da língua está intrinsecamente relacionada à variabilidade do sistema linguístico, havendo, nele, tanto regras categóricas quanto variáveis. Assim, defende-se que a variação não prejudica o funcionamento do sistema linguístico nem a comunicação entre os falantes.

Ao propor uma teoria em que o sistema linguístico é constituído por estruturas categóricas e variáveis, Weinreich, Labov e Herzog (doravante WLH) postulam que a manifestação dessas estruturas variáveis ocorre por meio de formas variantes condicionadas por fatores linguísticos e extralinguísticos. Isso significa dizer que o uso da língua está diretamente relacionado a diferentes contextos linguísticos marcados por fatores tanto internos à língua, quanto de natureza social, havendo a sistematicidade da variação. Diante disso, destaca-se que os condicionadores internos atuam nos níveis de organização do sistema linguístico, sendo eles fonético, fonológico, morfológico, sintático e discursivo, e que os condicionadores externos à língua dizem respeito a aspectos que atuam na constituição de diferentes variedades, tais como escolaridade, sexo, faixa etária, nível socioeconômico, região geográfica, práticas sociais em que os(as) falantes se engajam, entre outras.

Ao conceberem a variação como inerente ao sistema linguístico, WLH (2006 [1968]) entendem que o processo de manifestação e concorrência de variantes resulta em processos de mudança linguística. Com isso, postula-se outro importante princípio da Sociolinguística

Variacionista: para que haja mudança, é necessário haver processos de variação, porém nem toda variação resulta em mudança linguística. Nesse aspecto, conclui-se que “a mudança linguística é um processo contínuo e o subproduto inevitável da interação linguística” (WLH, (2006 [1968], p.87), além de não impedir que a estruturação da língua se mantenha de forma sistemática. Ao consolidar essa ideia, WLH superam a visão dicotômica saussuriana entre sistema linguístico (língua) e uso (fala), bem como sincronia e diacronia. Isto porque, ao entenderem que a variabilidade observada no uso reflete a variabilidade do sistema, os autores permitem recuperar o caráter histórico e social da língua, demonstrando que o sistema linguístico é dotado de heterogeneidade ordenada e que esta não só garante a comunicação entre os indivíduos em um período de variação, mas também contribui para o entendimento da mudança linguística à medida que a sociedade também sofre mutação.

Para estruturar o estudo empírico da mudança linguística, WLH (2006 [1968], p. 121-125) propõem cinco problemas a serem considerados em uma pesquisa sociolinguística, confirmando o princípio da heterogeneidade ordenada:

1. Problema da restrição ou dos fatores condicionantes: objetiva-se entender quais mudanças são possíveis de ocorrer dentro de uma determinada conjuntura de generalizações e de que maneira elas podem ocorrer, tendo em vista os fatores linguísticos e extralinguísticos que possibilitam sua ocorrência;
2. Problema do encaixamento: busca-se compreender de que modo a mudança linguística se encaixa dentro da estrutura linguística e social a partir de relações com diferentes fenômenos variáveis e da atuação de condicionadores diante das variantes envolvidas nos processos de mudança;
3. Problema da transição: debruça-se na análise da progressão de uma forma variante inserida em um processo de mudança, compreendendo as maneiras como esse processo ocorre e os diferentes estágios de mudança ao longo do tempo e das gerações, desencadeando os caminhos pelos quais esse cenário se dá;
4. Problema da avaliação: entende-se de que modo os falantes enxergam as variantes em processo de mudança, avaliando-as subjetivamente, de forma a construir panoramas que prestigiam determinadas formas, enquanto estigmatizam outras, tanto linguística, quanto socialmente;

5. Problema da implementação: exploram-se os motivos que levam a mudança a ser instaurada em determinados contextos, entendendo as transformações ocorridas na estrutura linguística para que haja a sua implementação.

Como o estudo da mudança linguística e a relação intrínseca entre língua e uso são questões centrais nos estudos sociolinguísticos, é necessário buscar por ferramentas capazes de capturar a mudança em curso, a partir de dados reais de fala (uso). Nesse sentido, o construto do tempo aparente e os estudos de tempo real são ferramentas essenciais para o estudo da mudança linguística. O construto do tempo aparente permite capturar a mudança em curso a partir da análise do uso da língua em diferentes gerações, em um mesmo momento histórico (Bailey, 2003). Para tanto, considera-se que a fala de um indivíduo é o reflexo do período em que sua aquisição da linguagem se encerra, havendo estabilização da formação da gramática do falante no final da puberdade. Assim, se a gramática do indivíduo se estabiliza no final da puberdade e, conseqüentemente, se mantém estável na vida adulta, uma abordagem sincrônica da mudança permite capturar processos sincrônicos de mudança em progresso por meio da organização dos sujeitos de uma amostra em sucessivas faixas etárias, representativas de um determinado “estado de língua” de sucessivos períodos aquisitivos. Em outras palavras, por meio de uma amostra de fala em que haja falantes de diferentes faixas etárias, o comportamento dos indivíduos de cada faixa etária deve refletir os usos da comunidade de fala no período em que as gramáticas desses falantes se estabilizaram. A comparação do comportamento de indivíduos de diferentes faixas etárias permitiria, assim, observar possíveis processos de mudança na comunidade de fala, uma vez que diferentes usos por faixas etárias espelhariam diferentes usos ao longo do tempo.

Além disso, os estudos de tempo real dialogam com os estudos do tempo aparente para que haja confirmação plena da mudança em progresso. Com o intuito de diferenciar mudanças linguísticas que ocorrem em uma comunidade de fala como um todo, de mudanças específicas de um indivíduo, o estudo de tempo real em curta duração baseia-se em dois tipos: painel e tendência. O estudo de painel tem como objetivo realizar diferentes amostras de fala em períodos distintos, com os mesmos falantes entrevistados e a mesma metodologia utilizada, para que se analise a mudança ou estabilidade comportamental linguística do indivíduo em diferentes momentos. Por outro lado, o estudo de tendência seleciona amostras de fala aleatórias de uma mesma comunidade de fala para serem analisadas em momentos distintos. Desse modo, é

possível investigar como os processos de mudança se dão dentro de uma comunidade linguística a partir da intervenção das mudanças sociais nessa mesma comunidade.

1.2 Modelos Baseados no Uso

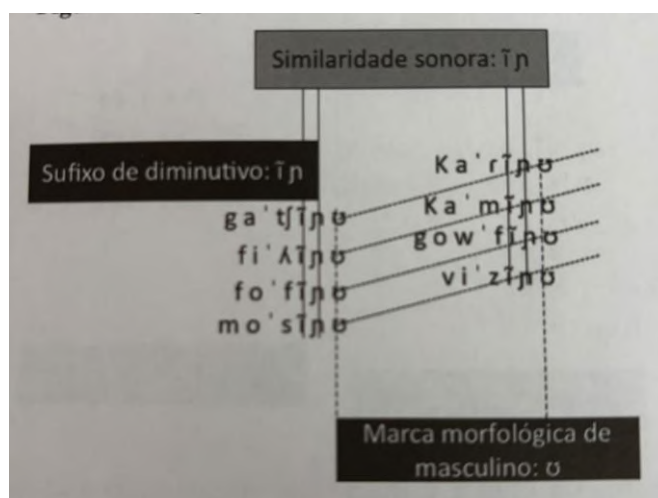
Tradicionalmente, desde o seu advento, a pesquisa variacionista se pautou em um modelo de gramática cujo núcleo seria invariante e, por meio de regras variáveis aplicadas a uma forma básica da língua, seriam originadas as formas variantes. Nesse sentido, a Sociolinguística explicava a variação. Entretanto, WLH (2006 [1968], p. 126) argumentaram que contribuições da linguística teórica poderiam contribuir para o entendimento de processos de variação e mudança linguística. Pierrehumbert (1994, 2003), por exemplo, defende que a variação possui um caráter representacional, estando presente na estrutura do conhecimento do falante. Nas últimas décadas, diferentes modelos teóricos têm, assim como fizeram WLH, buscado acomodar a variação linguística em suas propostas. Assim, o tratamento representacional dado à variabilidade observada na fala pelos Modelos Baseados no Uso ou Modelo de Exemplares pode trazer novas contribuições para a compreensão da natureza do conhecimento linguístico do informante. Isto porque a Teoria da Variação e Mudança reconhece a heterogeneidade ordenada da linguagem, enquanto os Modelos de Exemplares enfatizam a relação entre o uso da língua e a representação mental da variação.

Dessa forma, os Modelos Baseados no Uso ou Modelos de Exemplares (cf. Cristófaros-Silva e Gomes, 2020) concebem a língua como um sistema dinâmico que emerge a partir da experiência individual de cada falante. De acordo com os Modelos Baseado no Uso (doravante MBU), a língua passa a ser entendida como um sistema constituído por padrões emergentes, os quais são formados a partir de exemplares individuais de uso dos falantes, sendo a frequência como elemento fundamental que impacta a organização e processamento do conhecimento linguístico. Para essa concepção de língua, as representações do conhecimento são detalhadas e o mapeamento entre as informações abstratas e empíricas se dá de maneira dinâmica e contínua. Além disso, para os MBU, a variação tem status representacional, isto é, todas as possibilidades de realização dos itens lexicais integram as representações abstratas dos itens. Isso significa dizer que o conhecimento linguístico envolve o armazenamento de memórias detalhadas das experiências linguísticas de produção e percepção da linguagem, ou seja, as palavras no léxico abarcam um detalhe fonético. Segundo Cristófaros-Silva e Gomes (2020, p. 19), as representações detalhadas incluem diferentes informações:

- a. neurofisiológicas, relacionadas com as propriedades articulatórias dos sons linguísticos, que por sua vez apresentam variabilidade em função do ambiente fonético e prosódico em que se encontram;
- b. acústicas, relativas à duração e formantes dos sons linguísticos, aspectos da voz humana, como intensidade, pitch, entre outros;
- c. da indexação social relacionada ao detalhe fonético, isto é, relativa à associação entre detalhe fonético e características sociais dos falantes como sexo, idade, pertencimento a um grupo social, etnia, entre outros.

Nessa perspectiva, temos o conhecimento linguístico como resultado da interação entre aspectos inatos da cognição e a experiência com a língua (Tomasello, 2003; Bybee, 2010). Em outras palavras, as representações abstratas não são autônomas e inatas, mas sim emergem a partir das instâncias de uso em que ocorrem. Ademais, diferentemente dos modelos formais de gramática, para os MBU, a gramática do falante não é segmentada entre léxico e gramática. Os exemplares, assumidos como a base das representações linguísticas, emergem a partir da percepção de ocorrências idênticas da experiência comunicativa do falante por meio da memória enriquecida e são organizados em feixes de exemplares, em todos os níveis: fonológico, morfológico e sintático (Bybee, 2010). Os feixes de exemplares, por sua vez, são constituídos a partir de similaridade fonética e semântica entre os itens. Cristófarro Silva e Gomes (2020, p. 30-34) apresentam exemplificações de diagramas esquematizados em torno das relações entre os itens lexicais, de forma a emergir categorias abstratas:

Figura 1. Diagrama de *vizinho*, *carinho* e diminutivos



Fonte: Cristófarro-Silva e Gomes, 2020, p. 31.

Neste diagrama, há dois grupos categorizados em torno da organização de itens lexicais. Apesar de ambos apresentarem palavras com a sequência sonora [ĩɲʊ], o grupo à esquerda - o qual abarca as palavras “gatinho”, “filhinho”, “fofinho” e “mocinho” - apresenta a generalização do morfema de diminutivo *-inho*, enquanto o da direita, com as palavras “carinho”, “caminho”, “golfinho” e “vizinho”, não aponta para nenhuma generalização morfológica, mas os dois grupos estão relacionados em razão da similaridade fonética: a terminação [ĩɲʊ]. Além disso, ao relacionar esses dois grupos, é possível identificar um conjunto de itens marcado pela generalização do sufixo final *-o* - pronunciado como [ʊ] - como elemento característico da categoria morfológica “gênero masculino”, havendo semelhança sonora e semântica entre as palavras no que diz respeito à realização da vogal. Essa similaridade é apontada pelas duas linhas tracejadas na imagem, em cada grupo. Além disso, há outras conexões de similaridade fonética marcada pelo [ĩɲ], indicadas pelas linhas retas. Essa análise permite concluir que a organização lexical em redes é dinâmica, visto que, devido a distintas características compartilhadas, um mesmo item lexical pode realizar diferentes tipos de conexões com outros itens.

Portanto, conclui-se que, para os MBU, o estudo de uma variável que leva em consideração o caráter representacional da variação abarca a possibilidade de as representações abstratas dos itens lexicais serem múltiplas e detalhadas, havendo características acústicas, articulatórias e de indexação social relacionadas (Cristófar-Silva e Gomes, 2020). Ao associar aos pressupostos da Sociolinguística Variacionista, baseados no princípio da heterogeneidade ordenada, entende-se que essa construção do conhecimento linguístico a partir do uso é possível, uma vez que a variação é sistematicamente ordenada e influenciada por condicionadores sociais, linguísticos e cognitivos.

No que se refere ao objeto de estudo desta pesquisa e em consonância com os pressupostos teóricos apresentados, a duração da vogal, apesar de não ser distintiva no PB, tem status representacional. Em outras palavras, os MBU permitem que as diferenças de duração de vogal sejam acomodadas na gramática dos falantes e não apenas sejam compreendidas como o resultado de um processo. Como tem status representacional, é possível supor que as diferentes durações da vogal indexem significados sociais distintos, uma vez que, também em razão dos MBU, as representações detalhadas incluem informações relativas a características sociais dos falantes. Ademais, como já mostram os estudos sociolinguísticos há mais de cinco décadas, os

falantes são avaliados socialmente em razão do seu comportamento linguístico, o qual, conforme dito anteriormente, é condicionado por fatores de diferentes naturezas (estrutural, social e cognitivo).

2. ESTUDOS SOBRE A VARIÁVEL

Este capítulo objetiva fazer um recorte de estudos que antecederam e serviram de base para a presente pesquisa. Dito isso, é plausível entender a constituição do fenômeno da epêntese vocálica no português brasileiro (doravante PB), evidenciando o processo de realização de uma vogal átona para desfazer sequências fonotáticas pouco frequentes no PB, sobretudo no que se refere à realização de consoantes que não costumam aparecer em coda silábica. Diferentes estudos, a partir de diferentes aportes teóricos, foram utilizados para compreender a manifestação desse fenômeno, como em estudos de Collischonn (2000; 2002; 2003; 2004), Cantoni (2009 e 2015), Cristófaró Silva e Almeida (2006) e Souza, Barra e Barboza (2020), a serem apresentados a seguir. Será apresentado também um estudo piloto realizado anteriormente a esta pesquisa, o qual se apoiou nos mesmos pressupostos teóricos e metodológicos.

Inicialmente, é importante ressaltar que a variável em análise é comumente tratada nos estudos sobre o PB como “epêntese vocálica”. Isto porque, partindo de um modelo formal de gramática, se entende, como será visto a seguir, que uma vogal é inserida em determinados contexto em razão de restrições à realização de consoantes em coda. Cristófaró-Silva (2016, p. 222) argumenta que “a epêntese vocálica no PB é compreendida como a inserção da vogal alta anterior [i] entre duas obstruintes ou entre uma obstruinte seguida de nasal”. Ainda segundo a autora (apud Collischonn, 2004), “este fenômeno levou sílabas fechadas a se manifestarem como sílabas abertas, e ocorre em meio de palavras e em final de palavras.

2.1 Estudos sobre o PB

Dentre os trabalhos realizados sobre a epêntese vocálica no PB, Collischonn (2004), com o intuito de analisar dados do corpus do projeto VARSUL, lançou mão da Teoria da Otimalidade, entendendo a relação entre epêntese e acento nos resultados obtidos em relação ao português das três capitais do sul do Brasil. Para isso, a autora destaca que o português brasileiro modifica estruturas de sílabas fechadas (CVC) em abertas (CVCV), havendo, portanto, a introdução de uma vogal em sequências como fixo ['fikisu], objetivo [obiʒe'tʃivu], admiro [adʒi'miru] e digno ['dʒiginu], sendo típica do PB, uma vez que o português europeu não se utiliza desse processo linguístico, conservando essas sequências consonantais.

A partir da análise de 72 falantes, pautados nos fatores extralinguísticos idade, sexo, escolaridade e grupo geográfico, delimitou-se uma variável dependente baseada na presença ou não da vogal epentética. As variáveis estruturais (p. 65) observadas foram: (i) posição da consoante em coda, (ii) tipo de consoante em coda, (iii) contexto seguinte à consoante em coda, (iv) posição da consoante em coda relativamente à sílaba tônica, (v) posição do vocábulo no grupo de força, (vi) velocidade da fala do informante, (vii) origem do vocábulo. Após análises estatísticas, as variáveis selecionadas foram (i), (ii) e (iii), ocorrendo mais epêntese vocálica (i) em posição pretônica do que em posição postônica, (ii) quando a consoante em coda é uma oclusiva alveolar e (iii) diante de fricativa não sibilante e oclusiva nasal. À luz da Teoria da Otimalidade, a autora constata a alta taxa de ocorrência da epêntese na fala, demonstrando que em contextos postônicos percebe-se um bloqueio advindo do acento, que gera uma redução da manifestação da vogal. Dessa forma, é apresentada “uma proposta em que condições de acento e de sílaba fazem parte do mesmo ranqueamento de condições de maneira que o output ótimo é aquele que satisfaz ao mesmo tempo as condições de acento e de silabação” (Collischonn, 2004, p. 71).

Cantoni (2015), a partir dos pressupostos teóricos da Fonologia de Laboratório e dos Modelos Multirrepresentacionais, desenvolveu um estudo a partir de dados experimentais que evidenciam a implementação da epêntese e sua acentuação marcadas pela gradiência lexical, além da presença da gradiência fonética ao comparar a duração da vogal epentética acentuada em relação à vogal plena e à vogal epentética átona. O experimento desta pesquisa consistiu na análise de vogais epentéticas acentuadas presentes na morfologia verbal a partir de perspectivas teóricas que consideram a experiência com a linguagem um fator determinante para a organização gramatical de forma independente e natural. Com o objetivo de compreender a emergência de novos padrões sonoros, a metodologia do trabalho apresentou perguntas que envolviam verbos flexionados na 3ª pessoa do singular no pretérito perfeito (*Você já optou?*), os quais, quando respondidos pelo falante, seriam conjugados na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo (*Eu sempre opto*), marcando a presença da vogal epentética. Nesse contexto, haveria a possibilidade de o falante marcar a tonicidade do verbo na última sílaba da raiz (o'p[i]to), o que evidencia o surgimento do acento na vogal epentética, apontando para a presença de novos padrões sonoros.

A partir dos dados coletados por Cantoni (2015, p. 238), conclui-se que há “variação na atribuição do acento a vogais epentéticas, tanto em relação ao comportamento de cada indivíduo, quanto em relação aos itens testados”. Além disso, diferentes índices de ocorrência do fenômeno foram identificados através da manifestação de diferentes verbos, percebendo, por exemplo, que verbos como “indigno”, “opto” e “ritmo” favorecem a epêntese, enquanto “adapto” e “compacto” apresentam menor frequência de manifestação da epêntese. Por fim, depreende-se que a duração das vogais epentéticas acentuadas é maior do que as epentéticas átonas, porém menor do que as vogais [i] plenas, estando, portanto, em uma posição intermediária, “o que aponta para a gradiência fonética dos sons avaliados, como propõem os modelos multirrepresentacionais, e não uma oposição entre categorias discretas.” (Cantoni, 2015, p. 243). Dessa forma, esse estudo é mais um exemplo que constata a organização do sistema linguístico baseado em redes de relações, havendo uma clara ascensão da acentuação das vogais epentéticas no português brasileiro.

Cristófaró Silva e Almeida (2008), por sua vez, debruçam-se na duração da vogal epentética de modo a evidenciar o status representacional das sequências que podem conter uma vogal epentética no PB, como é o caso analisado a partir de três conjuntos de sequências com consoantes oclusivas - [kt], [pt], [bt]. Para tal, foram realizados experimentos que continham palavras com vogal anterior alta e palavras que admitiam a vogal epentética, como *apitadas* e *optar*, respectivamente, a fim de buscar entender de que forma essas vogais se manifestam. Assim como mencionado anteriormente acerca dos estudos de Collischonn (2004), os resultados dos experimentos de Cristófaró Silva e Almeida (2008) apontaram para o fato de que, apesar da realização de ambas as vogais não ser categórica, o PB tende a favorecer a inserção de uma vogal, modificando estruturas de sílabas fechadas, o que favorece sílabas CV e demonstra que tanto vogais altas regulares quanto vogais epentéticas integram as representações lexicais, marcadas pelo detalhe fonético, conforme postulam os Modelos de Exemplares (Johnson 1997, in press; Bybee, 2001, Pierrehumbert 2001). Nessa perspectiva, conclui-se que a duração da vogal epentética é significativamente menor do que a vogal plena, havendo favorecimento de sua realização quando acompanhada de uma consoante adjacente sonora.

Partindo do conceito de sistemas dinâmicos ou sistema adaptativo complexo (Beckner et al, 2009) e dos Modelos baseados no Uso (Bybee, 2001), Souza, Barra e Barboza (2020)

analisam Padrões Silábicos Emergentes (PSE) em contexto heterossilábico no PB. A hipótese inicial aventada pelos autores é a de que “os PSE no PB emergem pela redução gradiente da vogal epentética, influenciada por variáveis como tipo silábico, vozeamento e indivíduo” (p.122). Para tanto, foi aplicado um experimento de produção com 20 estudantes universitários, de ambos os sexos, com idade de 17 a 35 anos, naturais de diversas cidades do Rio Grande do Norte, os quais relataram jamais terem viajado ao exterior ou estudarem línguas adicionais além do inglês. A tarefa do experimento consistia na produção de seis itens que poderiam ser realizados com a vogal epentética (*pacto, afta, apto, advogado, administrar, óbvio*) e outros dois itens realizados com a vogal plena (*tico e quico*). A partir dos resultados obtidos, os autores concluíram que “a emergência de PSE no PB é um fenômeno gradiente, o qual ocorre predominantemente em contextos desvozeados” (p. 138). Os autores argumentam ainda que existe uma competição entre a emergência de um novo padrão silábico (PSE) e aqueles em que se realiza uma vogal epentética (EPE) nos tipos silábicos vozeados, “a qual pode, futuramente, favorecer os PSE neste contexto devido ao atrator pelo PSE já existente nos tipos desvozeados” (p. 139). Por fim, os autores advogam que os PSE heterossilábicos no PB são o resultado da redução da vogal epentética, um fenômeno gradiente que culminaria em sua elisão.

Em síntese, levando em consideração diversos trabalhos sobre o PB e sobre variedades do PB que já se debruçaram sobre a realização de uma vogal epentética historicamente resultante das restrições às consoantes em coda no PB, quatro pontos merecem destaque:

- a) na grande maioria dos estudos, a realização dessa vogal é tratada como o resultado do processo de inserção de um segmento vocálico (epêntese vocálica) para evitar uma sequência fonotática estranha ao PB, isto é, uma sequência do tipo C1.C2, em que as duas consoantes estão em sílabas diferentes e C1 é uma oclusiva ou [f] (como em *afta*) e C2 é uma obstruinte (como em *impacto*), ou, ainda, C1 é nasal bilabial e C2 é nasal alveolar (como em *amnésia*);
- b) o estudo de Cantoni (2015), com dados experimentais, aponta para gradualidade lexical e fonética na realização da vogal acentuada em formas verbais de 1ª pessoa do singular (eu *ritmo, indigno, compacto, adapto, opto*).

c) Cristófaró Silva e Almeida (2006); Silveira e Seara (2009); Souza, Barra e Barboza (2020) mostram que as vogais epentéticas tipicamente apresentam menor duração que as vogais plenas;

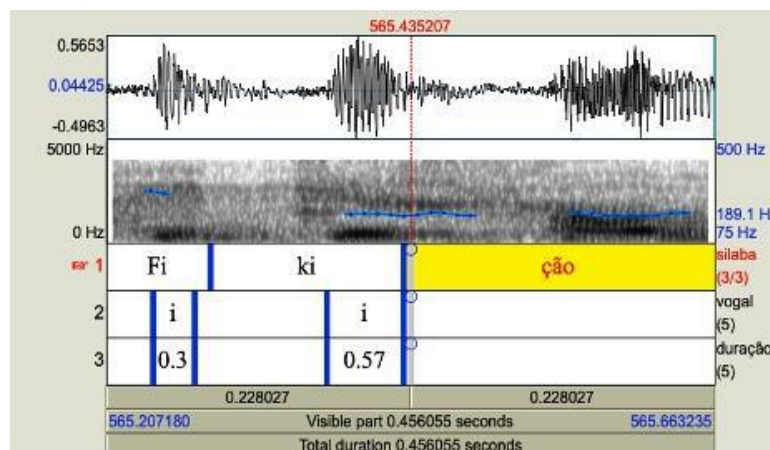
d) não há, de forma sistemática entre os diferentes estudos sobre a variável, referências à avaliação social das variantes, havendo apenas a menção de ser a realização de vogal epentética um fenômeno típico do PB.

2.2 Um estudo piloto sobre a variedade carioca

Melo (2012) realizou entrevistas sociolinguísticas, nos anos de 2008 e 2009, com indivíduos menores infratores que cumpriam medidas socioeducativas de internação na Escola João Luiz Alves (EJLA), unidade do Departamento Geral de Ações Socioeducativas (DEGASE), situada na Ilha do Governador, no Rio de Janeiro. Essa amostra consistia em 14 falantes do sexo masculino, os quais, à época, tinham idade entre 14 e 20 anos, baixa escolaridade, todos eram moradores de favelas, possuíam vínculo familiar fragilizado e pouco incentivo de acesso ao ambiente escolar, o que acarretou a dificuldade de acesso ao mercado de trabalho formal, levando-os a se envolverem com facções criminosas, cometendo atos infracionais análogos a crimes.

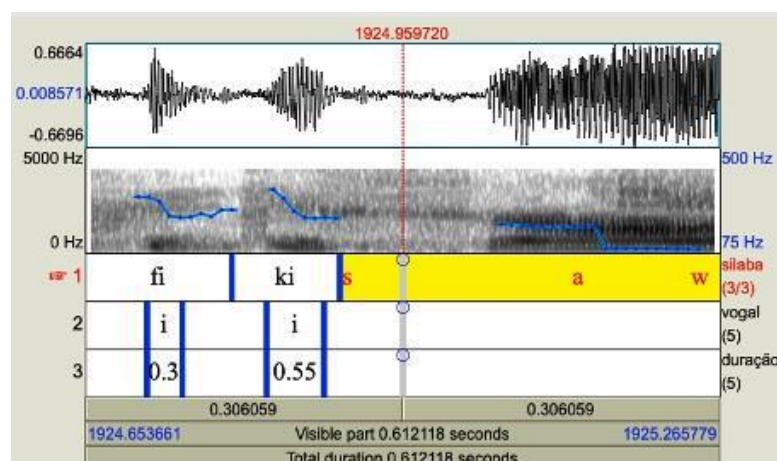
Lacerda (2023) realizou um primeiro levantamento de itens com a variável em análise a partir de dados coletados na Amostra EJLA. Apesar de não haver um estudo sobre a avaliação da duração da vogal átona resultante de sequências fonotáticas pouco frequentes no PB, esperava-se que uma maior duração poderia levar a uma avaliação menos positiva e, conseqüentemente, estar relacionada a grupos de falantes de classes sociais mais baixas, com menor escolaridade. Assim, em razão da situação de exclusão social vivenciada pelos indivíduos da Amostra EJLA, esperava-se observar vogais átonas no contexto em análise com maior duração. Com efeito, foram encontradas palavras que apresentavam sequências consonantais envolvendo vogais átonas com maior duração. Os espectrogramas a seguir mostram duas ocorrências de um mesmo item (ficção) realizadas por um mesmo falante da Amostra EJLA:

Figura 2. Espectrogramas da palavra *ficção* - ocorrência 01



Fonte: Lacerda (2023, p. 27)

Figura 3. Espectrogramas da palavra *ficção* - ocorrência 02



Fonte: Lacerda (2023, p. 28)

É possível perceber que, em ambas as realizações do item *ficção*, a duração da vogal plena na primeira sílaba é menor (0.3 ms) do que a vogal átona da sílaba seguinte (respectivamente, 0.57 ms e 0.55 ms). Cristófarro Silva e Almeida (2006), Silveira e Seara (2009), além de Souza, Barra e Barboza (2020) observaram que as vogais epentéticas tipicamente apresentam menor duração que as vogais plenas. Assim, como as análises desse item para os indivíduos da Amostra EJLA segue na direção contrária àquilo que comumente é reportado na literatura sobre a variável, Lacerda (2023) suscita a questão de que essa diferença talvez indique que a variação na duração da vogal átona resultante de sequências fonotáticas pouco frequentes no PB pode indexar algum valor social. Assim, em razão de o informante em

questão apresentar características sociais marcadamente diferentes daquelas dos informantes que costumam ser objeto de estudos linguísticos, pode ser que a duração da vogal átona não só seja influenciada por fatores sociais, mas também que essa duração indexe significados e valores sociais distintos.

A partir dessa primeira análise, Lacerda (2023) realizou um experimento de produção linguística, com cinco itens lexicais com a sequência [ks], todos dissílabos – *facção*, *ficção*, *fixo*, *táxi* e *boxe* – os quais foram realizados pelos falantes da Amostra EJLA. O objetivo deste experimento era analisar o comportamento dessa vogal em outros grupos da comunidade de fala do Rio de Janeiro, de modo a entender quais condicionamentos estariam envolvidos na realização da vogal átona resultante de sequências fonotáticas pouco frequentes no PB, bem como se haveria diferenças na duração da vogal átona entre os dois grupos sociais analisados: os indivíduos da Amostra EJLA e os jovens universitários que participaram do experimento da autora.

Foram selecionados dez falantes universitários, graduandos dos primeiros períodos dos cursos da Faculdade de Letras da UFRJ, entre 20 e 22 anos, tanto do sexo feminino quanto do sexo masculino. Devido à época da realização do experimento ter sido marcada pela pandemia do Covid-19, o meio utilizado para a realização dos experimentos foi a plataforma *Zoom*, em que os falantes eram expostos a um compartilhamento de tela com sentenças diversas, as quais possuíam a palavra-alvo, bem como palavras distratoras aleatoriamente distribuídas. O momento de produção era gravado pela própria plataforma, gerando áudios que seriam analisados posteriormente. Nesse sentido, os falantes deveriam realizar quatro tarefas que mapearam a realização da vogal epentética em quatro contextos com níveis de monitoramento distintos: (1) leitura de uma sentença com a palavra alvo; (2) repetição da sentença lida, sem o apoio do texto; (3) resposta a uma pergunta sobre a sentença lida, cuja resposta é a palavra alvo; (4) leitura da palavra alvo. A construção desse experimento serviu de base para o desenvolvimento da presente pesquisa, a qual será discutida no próximo capítulo.

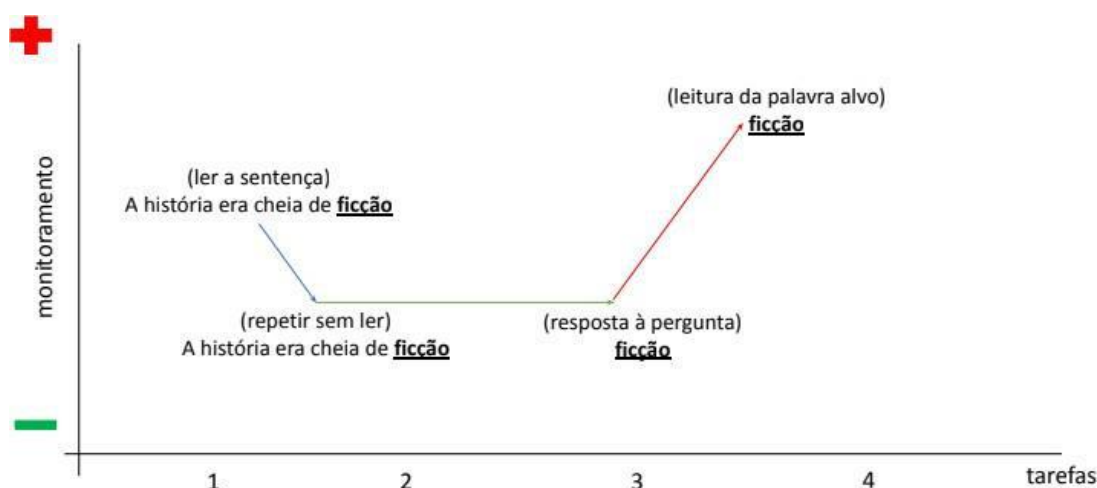
3. METODOLOGIA

Neste capítulo, será apresentada a metodologia utilizada na análise da duração da realização de uma vogal átona para desfazer sequências fonotáticas pouco frequentes no PB. Para tanto, inicialmente, debruçou-se no experimento linguístico de Lacerda (2023) a partir dos cinco itens lexicais com a sequência [ks] – *facção*, *ficção*, *fixo*, *táxi* e *boxe* – apresentados no capítulo anterior.

Para esta fase da pesquisa, foram selecionadas gravações de quatro dos dez falantes universitários participantes do experimento – dois do sexo feminino e dois do sexo masculino – e referentes a um único item - *ficção*. Foi utilizado o programa PRAAT para fazer as análises acústicas, tendo em vista que o referido programa apresenta um panorama acústico-sonoro completo em relação ao áudio atribuído. Foi possível realizar a divisão silábica e das vogais do item em análise, com o intuito de estabelecer uma comparação entre as diferentes durações da vogal átona nos quatro contextos distintos, assim como relacionar a duração dessa vogal com a realização da vogal pretônica, visto que ambas correspondem à vogal [i].

O gráfico abaixo demonstra os diferentes níveis de monitoramento envolvidos em cada contexto de produção. O esperado era que houvesse variação na duração da vogal a partir desses quatro contextos:

Figura 4. Quatro tarefas do experimento de produção: níveis de monitoramento



Fonte: Lacerda (2023, p. 23)

A partir das análises, foi desenvolvido um panorama que abarca as respectivas durações das vogais pré-tônica e epentética dos quatro participantes analisados nos quatro contextos de monitoramento:

Tabela 1. Distribuição da duração da vogal pré-tônica [i] em milissegundos (ms)

Falante	Situação 1	Situação 2	Situação 3	Situação 4
FB007	0.084	0.079	0.090	0.104
FQ006	0.061	0.093	0.064	0.073
MD002	0.048	0.041	0.064	0.077
MI001	0.070	0.046	0.110	0.102

Tabela 2. Distribuição da duração da vogal átona em milissegundos (ms)

Falante	Situação 1	Situação 2	Situação 3	Situação 4
FB007	0.034	0.040	0.022	0.042
FQ006	0.010	0.010	0.010	0.010
MD002	0.017	0.012	0.015	0.013
MI001	0.015	0.018	0.022	0.024

Os resultados obtidos apontaram para o fato de que, em todas as ocasiões, a duração da vogal pretônica – justamente por ser uma vogal plena – foi maior do que a da vogal átona (epentética), estando de acordo com os estudos de Cantoni (2015) e Cristófaros Silva e Almeida (2008). Além disso, houve uma variabilidade na duração da vogal átona nos diferentes contextos de monitoramento e para todos os falantes inicialmente analisados. A hipótese prévia debruçou-se sobre um panorama em que contextos de produção mais monitorados (1 e 4) poderiam indicar menor duração da vogal epentética, enquanto contextos menos monitorados (2 e 3), maior índice de duração. No entanto, em cada falante analisado, a vogal apresentou comportamentos diferentes para cada um desses contextos.

3.1 Experimento de Produção 2023

À vista desse panorama, com o retorno das atividades acadêmicas ao modo presencial, objetivou-se realizar um novo experimento, em 2023, com outros falantes universitários da Faculdade de Letras da UFRJ, a fim de observar, a partir da utilização de um mecanismo especializado em captura de som de maneira ampla, se de fato a realização dessa vogal seguiria

diferentes padrões, sofrendo alguma influência de condicionamentos sociais, assim, podendo a duração desta vogal indexar diferentes significados sociais.

Os participantes eram expostos a um compartilhamento de tela com sentenças diversas, as quais possuíam a palavra-alvo, bem como palavras distratoras aleatoriamente distribuídas. Assim como em Lacerda (2023), os participantes do experimento deveriam realizar quatro tarefas que mapeavam a realização da vogal átona em quatro contextos distintos:

- (1) leitura de uma sentença com a palavra alvo;
- (2) repetição da sentença lida, sem o apoio do texto;
- (3) resposta a uma pergunta sobre a sentença lida, cuja resposta é a palavra alvo;
- (4) leitura da palavra alvo.

3.1.1 Grupos de fatores utilizados

a) Variável dependente

Quanto à delimitação da variável dependente, tem-se a possibilidade de duas variantes para cada item lexical capturado com a sequência [ks], como demonstrada nos exemplos:

- Realização da vogal epentética:

[ˈpikisi] *pix*, [fikiˈsãʊ] *ficção*

- Ausência - não realização da vogal epentética:

[ˈpiksi] *pix*, [fikˈsãʊ] *ficção*

b) Condicionamentos

Dentro da manifestação da variável, foram considerados os seguintes condicionadores para este experimento:

b.1 Condicionamentos linguísticos

- Tamanho da palavra: foram selecionados itens divididos em dois grupos de sílabas – monossílabos e dissílabos – com objetivo de perceber a influência ou não do tamanho

da palavra na duração da vogal.

- Posição da epêntese: objetiva-se compreender se a epêntese em posição final ou em posição interna favorece e promove diferentes durações.
- Tonicidade: a escolha dessa variável se pauta nas duas possibilidades de ocorrência da epêntese nas palavras abarcadas no experimento, sendo elas monossílabas tônicas e dissílabas pretônicas.

b.2 Condicionamentos extralinguísticos

- Sexo: a seleção desse condicionamento tem o intuito de analisar se a variável dependente é favorecida ou não pelo sexo/gênero do falante. Dessa forma, participaram do experimento 10 participantes do sexo feminino e 5 do sexo masculino.
- Escolaridade: essa variável é importante para o entendimento de como níveis de escolaridade distintos podem impactar na manifestação do objeto em análise. Neste experimento, todos os falantes selecionados possuíam ensino superior incompleto, estando situados nos 1º e 2º períodos (ingressantes nos dois semestres de 2023) do curso de Letras. A partir de uma escala hipotética de que falantes leigos em relação aos estudos linguísticos tenderiam a produzir a vogal de modo mais acentuado, enquanto os mais escolarizados, sobretudo os inseridos na área de letras, com maior conhecimento a respeito dos estudos sociolinguísticos, produziriam com menor duração, objetivou-se analisar se o comportamento dos falantes selecionados diante da produção da vogal epentética se daria em uma posição intermediária dentro dessa escala, visto que estão situados em um ambiente de maior grau de instrução, porém ainda no início da formação acadêmica, assim, não tendo desenvolvido habilidades significativas que comprometessem a garantia da manifestação do vernáculo.
- Idade: delimitou-se a idade como um condicionamento capaz de afetar a duração da vogal, ao considerar a possível existência de um caráter geracional marcado na acentuação, redução ou ausência de realização da vogal átona. Nesse sentido, foi selecionada a faixa etária entre 18 e 30 anos.
- Região geográfica: a Região Metropolitana do Rio de Janeiro foi delimitada no experimento a fim de garantir a captação do vernáculo desta comunidade de fala.

3.1.2 Distribuição da variável

Neste novo experimento, novas sentenças com 12 palavras-alvo foram misturadas aleatoriamente às sentenças com palavras distratoras. A tabela a seguir evidencia os itens utilizados e contextualizados nas frases:

Quadro 1. Distribuição das sentenças utilizadas no Experimento de Produção 2023

Sentenças com palavras-alvo dissilábicas	Sentenças com palavras-alvo monossilábicas
O filme estreado neste ano era pura ficção.	O funcionário da loja de roupa recebeu um pix.
Os bandidos da cidade pertenciam à mesma facção.	O vidraceiro instalou no apartamento o box.
O vendedor de balas não tinha emprego fixo.	A secretária da nutricionista enviou um fax.
A mulher grávida embarcou no primeiro táxi.	A série inédita foi transmitida pela Fox.
A história contada pelo rapaz era sem nexos.	O nome do cachorro da Juliana era Rex.
Os gêmeos nascidos em março eram do mesmo sexo.	O sabonete em promoção no mercado era o Lux.

3.1.3 Organização do experimento

Os falantes, individualmente, foram dispostos em uma sala pertencente ao PEUL, havendo apenas o instrutor da atividade para auxiliar na explicação do experimento e controlar a utilização do gravador digital para capturar adequadamente o som emitido nas produções linguísticas, as quais tiveram duração de 5 a 7 minutos. Diante de um computador com a apresentação das sentenças listadas acima, os alunos reproduziam o que era exposto a partir dos quatro comandos:

- (1) **(leia a frase)** O funcionário da loja de roupa recebeu um pix.
- (2) **(repita a frase)**
- (3) **(diga somente a resposta)** O que o funcionário da loja de roupa recebeu?

(4) (leia a palavra) PIX

Devido à quantidade considerável de sentenças produzidas, objetivou-se, para a fase atual da pesquisa, debruçar na análise de dois itens, sendo cada um de um grupo silábico: *ficção* e *pix*. O primeiro elemento foi selecionado por estar presente na análise anterior baseada no experimento linguístico de Lacerda (2023), o que induz à possibilidade de comparação entre esses dois períodos distintos. Por outro lado, o segundo elemento foi selecionado por ser um item inserido recentemente no vocabulário brasileiro, relacionado ao surgimento de uma nova transação financeira, e que despertou atenção para a possibilidade de abarcar a manifestação da vogal epentética de forma significativa.

Nesse sentido, o comportamento dos dois itens, em cada um dos contextos com graus de monitoramento distintos, foi analisado a partir dos falantes que compuseram a amostra com o intuito de compreender se os condicionamentos estruturais e sociais anteriormente levantados estariam envolvidos no processo de manifestação da vogal e em que medida suas influências impactam a valorização deste fenômeno linguístico dentro do ambiente social. Por meio dessa conjuntura e das hipóteses iniciais, pretende-se compreender os resultados obtidos a fim de concretizar a análise sociolinguística que estrutura a pesquisa.

4. ANÁLISES E RESULTADOS

O presente capítulo reúne os resultados obtidos no experimento de produção linguística por meio da análise das duas variantes da vogal átona: ausência e realização da vogal. Com auxílio da plataforma de análise acústica PRAAT, foi possível delimitar as diferentes durações da vogal de modo a compreender e formular um panorama acerca da variabilidade presente nas formas manifestadas.

4.1 Distribuição dos resultados

A análise dos dados foi feita tendo como base 6 falantes do experimento, sendo 3 do sexo feminino e 3 do sexo masculino, com o intuito de compreender se os condicionamentos estruturais e sociais anteriormente levantados estariam envolvidos no processo de realização da vogal e em que medida suas influências impactam a valorização deste fenômeno linguístico dentro do ambiente social. À vista disso, chegou-se aos seguintes resultados:

Tabela 3. Distribuição da duração da vogal átona em *ficção* em milissegundos (ms)

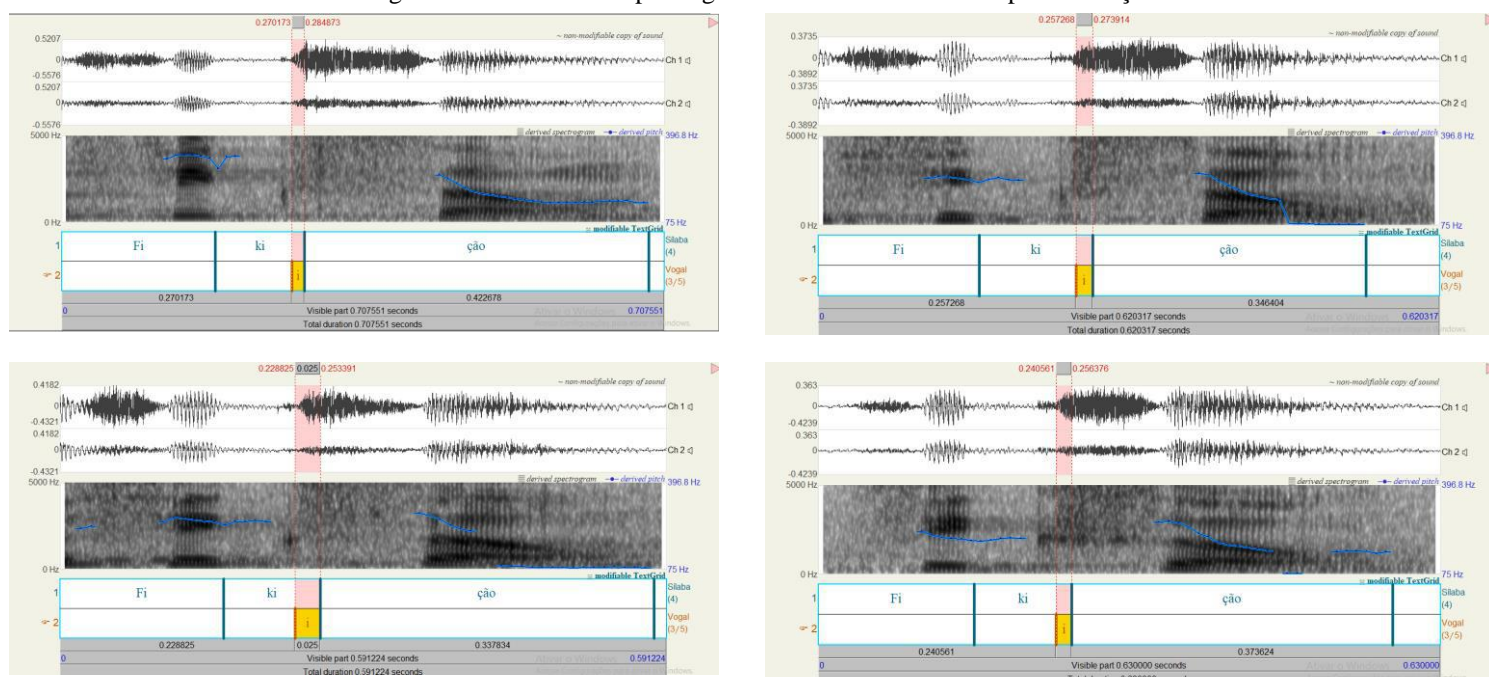
Falante	Situação 1	Situação 2	Situação 3	Situação 4
F043	0,014	0,016	0,025	0,015
F052	0,024	0,019	0,015	0,019
F084	0,014	0,018	0,020	0,015
M067	0,013	0,020	0,033	0,031
M080	0,012	0,022	0,021	0,014
M089	0,014	0,018	0,018	0,020

Tabela 4. Distribuição da duração da vogal átona em *pix* em milissegundos (ms)

Falante	Situação 1	Situação 2	Situação 3	Situação 4
F043	0,007	0,007	0,009	0,018
F052	0,008	0,008	0,009	0,007
F084	0,006	0,007	0,007	0,011
M067	0,012	0,007	0,007	0,010
M080	0,006	0,004	0,007	0,011
M089	0	0,012	0,008	0,011

Os dados evidenciam que, apesar de a vogal átona apresentar baixa duração, sua realização pode ser capturada, havendo uma variação quanto aos 4 contextos manifestados de maneiras diferentes em cada falante para os dois itens selecionados. Em relação ao item *ficção*, é possível perceber um novo panorama a respeito do comportamento da vogal quando comparado aos dados iniciais obtidos na análise feita a partir do experimento de Lacerda (2023), os quais indicaram uma falta de padronização. Diferentemente deste, os resultados do experimento atual apontam para uma maior regularidade da duração da vogal nos diferentes contextos, seguindo a hipótese de que em contextos de maior monitoramento (situação 1 e 4) a duração vogal seria menos expressiva, enquanto, em contextos menos monitorados (situação 2 e 3), a vogal teria maior duração. Isso foi comprovado nas produções dos falantes F043, F084, M067 e M080, os quais apresentaram aumentos consideráveis nas situações 2 e 3 – mesmo dentro de uma escala pequena de duração. Os espectrogramas abaixo ilustram a ocorrência:

Figura 5. Falante F043: espectrogramas das 4 ocorrências da palavra *ficção*



Fonte: Elaboração Própria

Em relação aos falantes F052 e M089, pode-se perceber um desvio quanto a esse padrão. No caso do falante F052, a vogal, na situação 1, teve maior duração comparada às situações 2 e 3. De outro modo, nos dados do falante M089, a maior expressividade ocorreu na situação 4. Ambos os casos correspondem aos contextos de maior monitoramento, o que indica a inversão

da lógica descrita anteriormente e a existência de diferentes centralidades capazes de criar distintas probabilidades de realização da vogal. De qualquer forma, mesmo que um padrão semelhante aos demais participantes não tenha sido observado, é possível notar uma variabilidade no que se refere à duração da vogal em análise em todos os participantes do experimento.

Além disso, esse novo experimento, realizado presencialmente, permitiu que capturasse de maneira mais precisa do que o experimento anterior (Lacerda, 2023) a realização da variável em análise, contribuindo precisamente para entender os diferentes comportamentos da vogal átona em *ficção*, mas também em outros itens, como o caso da palavra monossilábica *pix*. A partir da análise deste item, pode-se constatar outra variabilidade na duração da vogal, uma vez que os resultados de *pix* demonstram a existência de menores durações quando comparados à *ficção*. Há de se considerar que, em *pix*, a vogal epentética é postônica, enquanto que, em *ficção*, é pretônica, o que leva a duração da postônica ser menor que a da pretônica. Em estudos futuros, esses itens e outros de estruturas semelhantes precisam ser analisados e comparados: pode ser que as diferenças estruturais entre os dois itens interfiram na qualidade da vogal: *pix* é uma palavra menor, que pode ser realizada com até duas vogais, em posição postônica, tornando-se uma palavra proparoxítona, ['piksɪ] ~ ['pikɪs] ~ ['pikɪsɪ] ~ ['pikɪsi]; *ficção* é uma palavra maior e a realização de vogal para desfazer a sequência de consoantes acontece sempre em posição pretônica, [fiki'sãʊ] ~ [fiki'sãʊ].

4.2 Atuação dos condicionamentos

Conforme dito no final da seção anterior, pode ser que diferenças estruturais (tamanho do item, tonicidade) tenham atuado para a realização da vogal em análise. Ao longo da análise das gravações, foi possível perceber a rapidez com que os falantes pronunciavam o item *pix*, diferentemente de *ficção*, que apresentou maior extensão dentro da sentença. Nesse sentido, levando em conta a influência dos condicionamentos linguísticos em cada caso, pode-se observar primeiramente o tamanho da palavra. Isso permite supor que, pelo fato de a palavra dissilábica selecionada ser realizada com uma vogal no contexto observado, houve maior duração da vogal átona em todos os contextos quando comparada à palavra monossilábica, marcada pela realização da vogal em posição final, a qual apresentou durações inferiores. Esse cenário aponta para uma nova configuração no que diz respeito aos estudos deste fenômeno, uma vez que, anteriormente, foi constatado por Collischonn (2004) o fato de a vogal se realizar

em posição final ocorrer de forma mais significativa do que em posição interna.

Nesse viés, é possível estipular que, apesar de a linha entoacional ser a mesma para todas as sentenças do experimento, isto é, a palavra-alvo estar inserida no final da sentença, a realização de vogal para desfazer sequências pouco frequentes no PB em palavras dissilábicas é favorecida por estar em posição de ataque, logo, a presença seguinte da sílaba tônica pode estimular a realização da vogal no contexto observado. Por outro lado, em monossílabos, a vogal átona é realizada no final da própria sílaba tônica, o que pode ter sua duração reduzida, já que a vogal tônica plena se manifesta no mesmo contexto.

Quanto à ausência de realização da vogal, esta foi constatada apenas no falante M089 na situação 1. O cenário demonstra a raridade de casos em que a sequência de duas consoantes ocorre sem a realização de uma vogal, apontando para o fato de que, apesar de a realização da vogal não ser categórica, há modificação de estruturas de sílabas fechadas no PB a partir de sua inserção, como mencionado por Collischonn (2004) e Cristófaró Silva e Almeida (2008). Além disso, retoma-se a ideia de que em contextos mais monitorados o falante tende a manifestar a vogal em análise de forma reduzida, por isso, a ausência da vogal foi favorecida na situação 1.

Em relação à atuação dos condicionamentos sociais, a variável sexo parece não influenciar a realização da vogal entre falantes do sexo feminino e masculino, uma vez que todos os falantes analisados realizaram a vogal dentro de panoramas similares. Enquanto um grupo apresentou uma maior padronização da duração da vogal de acordo com as exigências dos contextos de monitoramento, outro delimitou uma nova conjuntura ampliando a variabilidade do fenômeno. No entanto, ao considerar a variável escolaridade, foi possível identificar que a baixa duração da vogal pode estar relacionada ao fato dos falantes selecionados estarem inseridos no ambiente acadêmico, realizando um experimento linguístico que requer sua atenção. Isso permite dizer que, mesmo advindos de regiões do Rio de Janeiro de caracteres socioeconômicos distintos, eles atingiram um nível de escolaridade capaz de adequá-los a diferentes comportamentos a depender das situações sociais. Nesse sentido, é possível observar a variação estilística na realização da vogal, visto que sua duração variava em função do grau de monitoramento simulado por meio do experimento. É possível, portanto, que o grau de escolaridade tenha contribuído para um distanciamento entre os resultados obtidos nessa análise e os abordados por Lacerda (2023) a partir da Amostra EJLA, uma vez que a expressividade da duração da vogal átona realizada pelos falantes em situação de exclusão social é inversamente

proporcional à realização da vogal átona pelos falantes universitários, o que provoca a indexação de valores sociais distintos. Cumpre afirmar, no entanto, que todas essas análises precisam ser submetidas a modelos estatísticos, a fim de que seja possível confirmar as hipóteses aqui apresentadas.

Diante de toda a análise a respeito dos resultados obtidos, foi possível demonstrar, a partir do recorte adotado nesta pesquisa, como a realização de uma vogal átona para desfazer sequências fonotáticas pouco frequentes no PB pode variar de acordo com fatores linguísticos e extralinguísticos. Portanto, com análises estatísticas futuras, abarcando outros itens lexicais utilizados no experimento, e a expansão da comunidade de fala atendendo a novas formulações das variáveis, pretende-se atingir maior nível de compreensão do comportamento da vogal epentética.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho, discutiu-se acerca dos estudos sobre a duração da vogal átona para desfazer sequências fonotáticas pouco frequentes no PB – geralmente chamada de vogal epentética – os quais apontam para a modificação de estruturas de sílabas fechadas a partir de sua inserção (Collischonn, 2004; Cristófaró Silva e Almeida, 2008). Por meio de diferentes aportes teóricos, os estudos evidenciam que, em um modelo formal de gramática, o fenômeno da epêntese vocálica parte da lógica de inserção de uma vogal em determinados contextos em razão de restrições à realização de consoantes em coda. Além disso, a existência de gradualidade lexical e fonética na realização da vogal acentuada em formas verbais de 1ª pessoa do singular (eu *ritmo*, *indigno*, *compacto*, *adapto*, *opto*), apontada por Cantoni (2015), merece destaque dentro dos estudos, bem como a noção de que não há referências à avaliação social das variantes nos estudos sobre a variável, apenas sendo levantada a noção de que a realização da vogal epentética é um fenômeno típico do PB.

À luz dos pressupostos da Sociolinguística Variacionista (Weinreich, Labov e Herzog, 2006 [1968]) e dos Modelos Baseados no Uso (Cristófaró-Silva e Gomes, 2020), a presente pesquisa objetivou olhar para o fenômeno linguístico a partir de uma nova perspectiva de forma a contribuir com novas análises capazes de abarcar a variação, considerando seu caráter inerente ao sistema linguístico e condicionada por fatores linguísticos, sociais e cognitivos, bem como seu status representacional. Para tanto, estudos de Cristófaró Silva e Almeida (2008) demonstram que tanto vogais altas regulares quanto vogais epentéticas integram as representações lexicais, marcadas pelo detalhe fonético, conforme postulam os Modelos de Exemplos (Johnson 1997; Bybee, 2001, Pierrehumbert 2001). Nesse sentido, ao levar em consideração esses pressupostos, entende-se que as diferenças de duração de vogal estão acomodadas na gramática dos falantes e não apenas compreendidas como resultado de um processo. As representações detalhadas incluem informações relativas a características sociais dos falantes, os quais são avaliados socialmente em razão do seu comportamento linguístico, que é condicionado por fatores de diferentes naturezas, sejam elas estrutural, social e cognitiva.

A análise da variável não apenas tomou como base os estudos anteriores sobre a vogal epentética no PB, como também considerou o experimento realizado por Lacerda (2023), em seu estudo, para a discussão da vogal átona na comunidade de fala do Rio de Janeiro. Ao se debruçar em dados da Amostra EJLA, composta por falantes em situação de exclusão social,

constatou-se que a realização de vogais átonas no contexto em análise apresentou maior duração, estando inversamente proporcional ao que foi anteriormente reportado na literatura sobre a variável, visto que Cristófaró Silva e Almeida (2006), Silveira e Seara (2009) e Souza, Barra e Barboza (2020) observaram que as vogais epentéticas tipicamente apresentam menor duração que as vogais plenas. Diante disso, Lacerda (2023) apontou para o fato de que essa diferença talvez indique que a variação na duração da vogal átona resultante de sequências fonotáticas pouco frequentes no PB pode indexar algum valor social. Assim, a autora promoveu um experimento linguístico com falantes universitários considerando os mesmos itens da Amostra EJLA utilizados, agora, em quatro contextos de monitoramento que envolviam a realização da vogal.

A presente pesquisa debruçou-se nesse experimento para dar continuidade à análise desses dados com intuito de entender o comportamento da vogal em um novo grupo de falantes com características sociais distintas. Os dados obtidos indicaram que a duração da vogal plena foi maior do que a da vogal átona, estando de acordo com os estudos anteriores e indicando oposição à análise de Lacerda (2023) acerca dos dados da Amostra EJLA, além de haver uma variabilidade na duração da vogal átona nos diferentes contextos de monitoramento e para todos os falantes universitários inicialmente analisados.

A fim de entender se a hipótese prévia de que contextos de produção mais monitorados poderiam indicar menor duração da vogal epentética, enquanto contextos menos monitorados, maior índice de duração, foi desenvolvido, ao longo da pesquisa, em 2023, um novo experimento linguístico com novos falantes universitários. O modelo seguiu as mesmas quatro tarefas definidas por Lacerda (2023), que mapeavam a realização da vogal átona em contextos distintos: (1) leitura de uma sentença com a palavra alvo; (2) repetição da sentença lida, sem o apoio do texto; (3) resposta a uma pergunta sobre a sentença lida, cuja resposta é a palavra alvo; (4) leitura da palavra alvo.

O experimento apresentou 12 novas palavras distribuídas em sentenças, as quais eram lidas e reproduzidas pelos participantes, sendo o som emitido captado por um gravador. A partir disso, foram delimitados os condicionamentos linguísticos – tamanho da palavra, posição da epêntese e tonicidade – e extralinguísticos – sexo, escolaridade, idade, região geográfica – capazes de influenciar a realização ou ausência da vogal átona. Para esta etapa, os itens *ficção* e *pix* foram selecionados para análise do comportamento da vogal, sendo levantados os dados

de seis falantes distribuídos nos quatro contextos de monitoramento. Os resultados listados demonstraram que a duração da vogal no item *ficção* apresentou maior regularidade entre os diferentes contextos, seguindo a hipótese de que em contextos de maior monitoramento (situação 1 e 4) a vogal seria menos expressiva, enquanto em contextos menos monitorados (situação 2 e 3) haveria maior duração. Por outro lado, em *pix*, constatou-se a existência de menores durações, além de maior variabilidade entre cada contexto.

Nesse sentido, foi possível desenvolver um panorama acerca da duração da vogal átona para desfazer sequências fonotáticas pouco frequentes no PB de forma a contribuir para o debate deste fenômeno a partir de um referencial teórico diferente dos estudos anteriores e de novas ferramentas metodológicas, entendendo como as distintas formas de manifestação da vogal se desenvolvem graças à atuação dos condicionamentos. Portanto, a constituição desse experimento não apenas buscou estabelecer diálogos com estudos anteriores, como também pretende alcançar maior concretização por meio de análises estatísticas futuras, abarcando outros itens do experimento, e expansão da comunidade de fala, considerando outros condicionamentos envolvidos no processo de variação.

REFERÊNCIAS

- BAILEY, Guy. Real and Apparent Time. *In*: Chambers, J. K.; Trudgill, P.; Schilling-Estes. N. (eds). **The Handbook of Language Variation and Change**. Blackwell Publishing, 2003.
- BECKNER et al. **Language is a complex adaptive system: position paper**. Michigan: Language Learning, v. 51, n. 1, p.1-26, 2009.
- BYBEE, J. **Phonology and language use**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.
- CANTONI, M. M. **A epêntese no português brasileiro em uma perspectiva multirrepresentacional**. Niterói: Gragoatá, n. 38, p. 231-246, 2015.
- COLLISCHONN, Gisela. **Epêntese Vocálica e Restrições de Acento no Português do Sul do Brasil**. Londrina: Signum: Estudos da Linguagem, n. 7/1, p. 61-78, 2004.
- CONNINE, C.M., RANBOM, L.J.; PATTERSON, D.J. **Processing variant forms in spoken word recognition: The role of variant frequency**. Perception & Psychophysics. v. 70, p. 403-411, 2008.
- CRISTÓFARO SILVA, T. **Trajetórias fonológicas: evolução e complexidade**. Rio de Janeiro: Revista Linguística, Volume Especial, p. 215-229, 2016.
- CRISTÓFARO SILVA, T.; GOMES, C. A. Fonologia na perspectiva dos Modelos de exemplares. *In*: GOMES, C. A. (Org.). **Fonologia na perspectiva dos Modelos de Exemplares: para além do dualismo natureza/cultura na ciência linguística**. São Paulo: Contexto, 2020.
- CRISTÓFARO SILVA, T.; ALMEIDA, L. On the Nature of Epenthetic Vowels. *In*: BISOL, L.; BRESCANCINI, C. R. **Contemporary Phonology in Brazil**. Cambridge University: 2008.
- JOHNSON, K. Speech perception without speaker normalization: An exemplar model. *In*: Johnson & Mullennix (eds). **Talker Variability in Speech Processing**. San Diego: Academic Press. pp. 145-165, 1997.
- LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos**. Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso (tradução). São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LACERDA, V. S. **“É uma [fi. ki.?sã??] do caramba”: análises preliminares sobre a vogal epentética na comunidade de fala do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, UFRJ, Faculdade de Letras, 2023.

MELO, M. A. S. L. de. **Desenvolvendo novos padrões na comunidade de fala: um estudo sobre a fricativa em coda na comunidade de fala do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, UFRJ, Faculdade de Letras, 2012.

PAIVA, M. C.; DUARTE, M. E. L. **Mudança linguística em tempo real**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria Ltda, 2003.

PIERREHUMBERT, Janet B. **Probabilistic Phonology: discrimination and robustness**. In: R. BOD, J. HAY, S. JANNEDY (eds.), p. 177-228, 2003.

SILVEIRA, F.; SEARA, I. **A vogal epentética em encontros consonantais heterossilábicos no português brasileiro: um estudo experimental**. São Paulo: Revista do GEL, v. 6, n. 2, p. 9-35, 2009.

SOUZA, A.; BARRA, A.; BARBOZA, C. **Uma visão multirrepresentacional dos padrões silábicos emergentes do português brasileiro**. Fortaleza: Entrepalavras, v. 10, n. 1, p. 121-140, 2020.

WEINREICH, LABOV & HERZOG. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**; tradução Marcos Bagno; revisão técnica Carlos Alberto Faraco. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.